Universidade do Porto Faculdade de Belas Artes Plana. Publicações de periodicidade irregular

Luís Miguel de Sousa Camanho

Dissertação para a obtenção de Grau de Mestre em Design da Imagem
Orientador – Professor Doutor Heitor Alvelos
Co–orientador – Mestre Mário Moura

Porto, 2008

Abstract

This work accompanies the creation of a small press structure that publishes visual communication related contents. The project is mainly based on experiencing and living the process itself and will always count on a strong emotional approach, which will result particularly from the fact that each object being published is worked on very closely. Not only with the published material, but also with all the participants in the various processes of production. From the very first contact with the authors, to the hand numbering of each book.

This work also intends to observe and compare other publishing structures usually called small press or independent publishers, to find points where the several participants might meet or differ.

Resumo

O presente trabalho acompanha a criação de uma pequena estrutura editorial que publica conteúdos relacionados com a comunicação visual. Apresenta-se como um projecto essencialmente apoiado na própria experiência e vivência deste percurso e contará sempre com uma forte dimensão afectiva, que resultará essencialmente da relação de extrema proximidade com que se pretende trabalhar em cada objecto a publicar. Não só na relação com o próprio material impresso, como também com todos os intervenientes nos vários processos de produção. Desde o primeiro contacto com os autores à numeração manual de cada livro.

Trata-se igualmente de um trabalho que pretende observar e comparar outras estruturas editoriais vulgarmente denominadas de independentes ou pequenas editoras, no sentido de encontrar pontos de convergência e divergência entre os diferentes participantes.

"De tudo o que Katy disse a Lizzie e Lizzie a Katy apenas recordo um fragmento isolado. Pertencia, penso eu, ao relato de umas férias na ilha de Malta e Katy, ou Lizzie, afirmava que os Malteses, demonstrando um incompreensível desprezo pela morte, não conduziam nem pela esquerda nem pela direita, mas sempre pelo lado da estrada com sombra."

W. G. Sebald

Índice

Introdução	**9**
1 Enquadramento	**11**
1.1 Publicar	**16**
1.2 Posicionamento e Referências	
2 Metodologia/ Trabalho prático	**20**
3 Metodologia/ Estudo qualitativo	**27**
4 Participantes/ Procedimento	**30**
5 Resultados	**35**
6 Conclusão	**47**
6.1 Integração dos resultados da investigação	**49**
6.2 Forças e limitações do projecto em curso	**52**
Referências Bibliográficas	**54**
Documentos electrónicos	**55**

Introdução

O presente trabalho acompanha a criação de uma pequena estrutura editorial que publica conteúdos relacionados com a comunicação visual. Apresenta-se como um projecto essencialmente apoiado na própria experiência e vivência deste percurso e contará sempre com uma forte dimensão afectiva, que resultará essencialmente da relação de extrema proximidade com que se pretende trabalhar em cada objecto a publicar. Não só na relação com o próprio material impresso, como também com todos os intervenientes nos vários processos de produção. Desde o primeiro contacto com os autores à numeração manual de cada livro.

Trata-se igualmente de um trabalho que pretende observar e comparar outras estruturas editoriais vulgarmente denominadas de independentes ou pequenas editoras[1], no sentido de encontrar pontos de convergência e divergência entre os diferentes participantes.

Como tal, esta investigação compreende duas fases de estudo que se organizam num plano sequencial, onde se desenvolvem paralelamente, no que diz respeito à sua continuidade temporal. Dessa forma, definiu-se uma fase de índole prático, onde se propõe avançar com a planificação de material a publicar e, outra fase, que se apoiará numa investigação de cariz qualitativo, através de entrevistas presenciais. Foi necessário o recurso a este tipo de construção de investigação em contraponto, uma vez que as duas fases de estudo acabam por decorrer em simultâneo. Sentia-se a necessidade de que estas duas fases também pudessem funcionar de forma separada, diga-se independentes, tentando evitar que alguma delas ficasse refém dos progressos da outra.

A opção por este método qualitativo tenta alcançar visões mais pormenorizadas e dinâmicas dos agentes e estruturas editoriais escolhidas para estudo, naquilo que diz respeito à sua unicidade enquanto participantes, através da observação e análise do seu discurso.

Numa primeira abordagem, apresentava-se uma questão inicial – Quais as condições necessárias que possibilitam a criação e consequente manutenção de uma editora independente, que se movimenta nos domínios da comunicação visual? – que constituía o ponto de partida. A questão já continha em si o fim a que se propõe este trabalho e denunciava o percurso a encetar de forma a ligar princípio e finalidade. Pensava-se que seria a questão orientadora que aglutinava, em si, o essencial do projecto de investigação. Encaminhava, de uma forma geral, as duas fases de estudo apresentadas.

[1] Designações que levantam ambiguidade e serão discutidas no capítulo 1 Enquadramento.

Porém, à medida que a investigação evolui e assume corpo, surgiam novos problemas que necessitavam decisão, que se passarão a apresentar ao longo dos próximos capítulos. O primeiro capítulo—Enquadramento—expõe e contextualiza este projecto a nível conceptual e teórico. Inscreve e localiza os territórios, bem como as fronteiras em que se movimentará. Apresenta uma breve referenciação bibliográfica e introduz também várias problematizações que se levantaram ao longo do estudo.

O segundo capítulo—Metodologia/ trabalho prático—descreve em várias partes, a fase de índole prática. O processo de desenvolvimento de todos os projectos editoriais que se levantaram no decorrer do estudo. Como tal, é neste capítulo que se começa a descrever todo o desenvolvimento processual e metodológico.

O terceiro capítulo—Metodologia/ estudo qualitativo—apresenta a fase de investigação de cariz qualitativa. Expõe e justifica os dez pontos que se apresentam sob a forma de questionário.

O quarto capítulo—Participantes/ Procedimento—apresenta os participantes observados e descreve o procedimento exercido durante esta fase da investigação.

O quinto capítulo—Resultados—apresenta um resumo objectivo dos resultados obtidos em cada entrevista.

O sexto capítulo—Conclusão—apresenta uma reflexão sobre as estratégias escolhidas e percorridas para este estudo, suas forças e limitações. Debate convergências e divergências entre projectos apresentados como casos de estudo. Reflecte sobre a própria utilidade, visibilidade e consequências deste tipo de projectos.

1 Enquadramento

"Modern publishing is characterized by its being simultaneously cannibalistic and viviparous: while one publishing house is acquiring another, a third is opening for business."[2]

Uma maneira de começar a perceber as características da produção editorial será observar e tentar compreender como funcionam uma série de mecanismos que passarão a ser apresentados. Estes mecanismos são passíveis de problematização durante todo (ou parte) do processo editorial. A inevitabilidade de tomar decisões sobre o caminho a optar dependerá então dos objectivos de cada agente e estrutura editorial.

O ISBN (International Standard Book Number) funciona como um mecanismo de identificação para livros e publicações de carácter não periódico. Foi ratificado como norma ISO 2108 em 1970 e actualmente a coordenação internacional do sistema ISBN pertence à Agência Internacional em Berlim (organismo da Biblioteca Estadual de Berlim).[3] Desde Janeiro de 2007, passou a ser um registo com 13 dígitos e, identifica uma única e inequívoca publicação, o editor, o título e a sua origem geográfica. É reconhecido em mais de 160 países. Em Portugal, foi a APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros), quem introduziu este sistema em 1988, tornando-se assim, a Agência Nacional de ISBN, responsável pela gestão e atribuição de prefixos a editores e números para as suas publicações.

Segundo a tabela de estatísticas de ISBN[4], relativa ao intervalo de tempo entre 2003 e 2008, podemos verificar que em Portugal, nestes últimos 5 anos, têm sido atribuídos perto de 15 000 números por ano. A estes dados, convém também fazer notar que o ISBN não é um registo obrigatório e como tal, não se mostram reveladores do total de publicações monográficas publicadas por ano no nosso país. Ainda assim, poderá funcionar como indicador para reflexão do actual panorama editorial nacional.

O Depósito Legal é uma figura jurídica obrigatória com origem no Alvará de 12 de Setembro de 1805[5]. Despacho emitido por D. João, príncipe regente de Portugal, onde se impõe a entrega de um exemplar de todos os documentos impressos nas terras do reino

[2] STEINBERG, S. H.; revised by John Trevitt. *Five Hundred Years of Printing*. New Castle: Oak Knoll Press and The British Library, 1996, p. 244

[3] Podemos encontrar informação detalhada em – International ISBN Agency. *Manual do utilizador do ISBN*. Edição Internacional, 5ª edição. Berlim: Staatsbibliothek zu Berlin – Preussischer Kulturbesitz, 2005

[4] Disponível para consulta em http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/tabela%20estatistica%20site%20pdf(3).pdf

[5] Disponível para consulta em http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/imagens-alvaras-dl/al-12-09-1805.pdf

português. Cada documento seria então arquivado na *Real Bibliotheca da Corte*, com a intenção de coleccionar e preservar todos os conhecimentos impressos no reino, bem como promover e auxiliar os progressos da literatura, da ciência e das artes. Encontra-se neste despacho uma evolução nas intenções em relação a despachos anteriores – Alvará de 30 de Junho de 1795[6] e Alvará de 29 de Fevereiro de 1796[7], emitidos por ordem da rainha D. Maria I. Nestes anteriores despachos, impunha-se a entrega de uma cópia de todos os documentos impressos em terras do reino português, ainda antes da sua circulação pública, com vista a exame e censura controlados por três autoridades, inseparáveis à época, dos poderes do estado – o *Poder Espiritual da Santa Igreja* com *Direito da Censura Doutrinal sobre as Matérias de Religião*, o *Supremo Poder Temporal os Dous Direitos Essenciais* com direito sobre a *Censura Doutrinal na Matérias Civís do Estado* e a autoridade da *Permissão, ou Prohibição Externa de Livros, e Papeis*.

Actualmente, o Depósito Legal, é um serviço administrado pela BNP (Biblioteca Nacional de Portugal). Tenta cumprir a tarefa de agrupar, arquivar e distribuir as publicações pertencentes ao património nacional, tornando-as acessíveis ao público através da distribuição por uma rede de bibliotecas beneficiárias (dois exemplares para a BNP e um exemplar para cada uma das seguintes instituições: Biblioteca Pública de Braga, Biblioteca Pública de Évora, Biblioteca Municipal de Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca Municipal de Lisboa, Biblioteca Municipal do Porto, Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Região Autónoma da Madeira, Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Região Autónoma dos Açores e Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro – Brasil). "O Depósito Legal é obrigatório para obras impressas ou publicadas em qualquer ponto do país, seja qual for a sua natureza e o seu sistema de reprodução"[8].

Apesar desta imposição jurídica, bem como da possibilidade de aplicação de coima na sua transgressão, prevê-se que a grande maioria de publicações impressas em processos manuais, em impressoras caseiras, em reprografia, bem como um número razoável de publicações impressas em gráfica, escapem a este registo normativo, não deixando assim uma inscrição prudente da sua existência para a posteridade.

Segundo a Classificação das Actividades Económicas Portuguesas por Ramos de Actividade (CAE), a actividade de editor, enquadra-se na *Secção J – Actividades de informação e de comunicação,* especificamente, Divisão 22 (Edição, impressão e reprodução de suportes de informação gravados)[9]. No entanto, é uma actividade sem

[6] Disponível para consulta em http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/sp-deposito-legal.html

[7] Disponível para consulta em http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/imagens-alvaras- dl/al-29-fev-1796.pdf

[8] Regulamento detalhado disponível em http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/sp-deposito-legal.html

[9] Versão actual em http://metaweb.ine.pt/sine/anexos/pdf/ApresentacaoCAERev3.pdf

atribuição de classificação no artigo 151º, do código anexo do IRS, onde estão classificadas as actividades económicas passíveis de serem reconhecidas como actividades independentes. Ainda no que diz respeito à classificação da actividade – "a agência portuguesa considera como editor, para efeitos de atribuição do ISBN, toda a pessoa, sociedade, associação, grupo ou organismo de qualquer natureza que edite uma publicação não periódica, em suporte papel ou outro, para venda ou distribuição gratuita."[10] Como tal, qualquer indivíduo, ou conjunto de indivíduos, mesmo que apresentando uma denominação falsa, pode solicitar à APEL a atribuição de um prefixo de editor, sem necessitar da apresentação de documentos comprovativos de identidade ou abertura de actividade fiscal.

Seguindo uma associação etimológica do adjectivo "independente"[11], crê-se como sinónimo ou equivalente de "que não depende de outrem"; de que é "livre"; de "adverso à tirania"; e "com leis próprias".

Tendo em conta a ambiguidade criada quanto à classificação de "editor/editora independente", resta arriscar alternativas que poderão, ao mesmo tempo, não deixar de criar igualmente duplos sentidos. Não se tentará, no entanto, definir com exactidão o termo, por as ambiguidades que levanta serem evidentes e também por poder não ser significativo para classificar um grupo de editores/ editoras com as mesmas características. Por exemplo, a Porto Editora é auto-suficiente, como tal, assume-se como uma editora independente. Francisco José Viegas[12], no editorial da revista *LER*, assume que publica uma revista independente sobre livros. Essa mesma revista é propriedade da Fundação Círculo de Leitores, que por sua vez, juntamente com a editora e livrarias Bertrand, pertence à multinacional Bertelsmann, o maior grupo livreiro a actuar a nível mundial.

Em Portugal, a venda de livros, por retalho concentra-se em mais de 70%, nas lojas Fnac, nas livrarias Bertrand e nos hipermercados onde "as editoras disputam as prateleiras das livrarias como cães a um osso. Os expositores, bancas e gôndolas dos hipermercados são os altares, os lugares sagrados para um livro. Uma obra tem no máximo dois meses para mostrar o que vale, e a velocidade de rotação dos títulos nos escaparates é alucinante. (...) Ao contrário do que acontece em Espanha ou em França, onde a venda de livros está repartida por inúmeras livrarias independentes"[13].

---

[10] International ISBN Agency. *Manual do utilizador do ISBN*. Edição Internacional, 5ª edição. Berlim: Staatsbibliothek zu Berlin – Preussischer Kulturbesitz, 2005

[11] Recorreu-se ao dicionário *online* www.priberam.pt

[12] VIEGAS, Francisco José. *Editorial*. Ler. Lisboa. ISSN 0874–2847. Nº 69, 2008, p. 3

[13] CARVALHO, Ana Margarida; FILLOL, Joana. *E, no entanto, elas movem-se!*. Visão. Paço de Arcos. ISSN 0872/3540. Nº 776, 2008, pp. 98–103

Como Robert Bringhurst expõe[14], a impressão, publicação e o marketing de livros no universo anglófono, está actualmente nas mãos de um grupo muito reduzido de firmas com enormes estruturas empresariais, onde o objectivo principal não tem, necessariamente, ligação directa com a edição em si mesma[15]. Concentram-se essencialmente em grupos económicos multinacionais que tratam de gerir recursos financeiros, alcançar o máximo de penetração no mercado a escalas globais e como consequência tentar obter o máximo de lucro possível. De um modo simplificado, Bringhurst acrescenta que, como regra, os objectivos de um editor serão contribuir para a cultura com a publicação de bons livros e, se possível, conseguir ganhar algum dinheiro no processo. Como tal, explica também que os objectivos gerais, quer dos gestores, como dos editores, não são diametralmente opostos, mas apresentam diferenças substanciais quanto baste para—através da sua interacção—terem alterado significativamente a face do mercado editorial nas últimas décadas.

É possível que um dos factores mais relevantes no alastramento da globalização no mercado editorial—tal como descrito[16] por John Trevitt—esteja directamente ligada com a conjugação de dois factores determinantes: (1) a progressiva substituição da impressão através de caracteres móveis pela impressão através de fotocomposição; (2) a investida de Paul Hamlyn que editava a partir de Londres e, no início da década de 1950—com o propósito de contornar as restrições do racionamento de papel no pós 2ª Guerra Mundial—conseguiu alcançar substanciais reduções de custo através da transferência da impressão e encadernação dos seus livros para países do leste da Europa.

Estavam assim lançados os alicerces para que a produção editorial pudesse ser encarada como uma actividade de escala internacional. Deixava de ser estranha a ideia de que um livro editado na Alemanha, pudesse ser projectado num gabinete suíço, impresso em Singapura, encadernado em Hong Kong, para ser posteriormente distribuído por uma empresa inglesa.

---

[14] CHAPPELL, Warren; revised and updated by Robert Bringhurst. *A Short History of the Printed Word*. Vancouver: Hartley & Marks Publishers Inc., 1999, pp. 295–296

[15] Como exemplo em Portugal, a Explorer Investments, uma sociedade gestora de fundos financeiros com forte actividade no sector dos cafés e rações, comprou as editoras Oficina do Livro e Teorema em 2006. Em 2008, vendeu-as à Holding Paes do Amaral, que gere recursos financeiros em frentes como a produção de televisão e rádio, serviços e *outsourcing* de infraestruturas informáticas, entre outras actividades áreas de actuação.

[16] STEINBERG, S. H.; revised by John Trevitt. *Five Hundred Years of Printing*. New Castle: Oak Knoll Press and The British Library, 1996, p. 246

"O ano de 1998 foi marcante no sector da edição em todo o mundo. Compras cruzadas, concentrações em larga escala, movimentações de capitais que atingiram os 11 mil milhões de dólares – tal foi a globalização e a dimensão das compras transnacionais que 1998 ficou conhecido como 'o ano do inimaginável'. Na opinião de José Afonso Furtado, professor universitário, especialista em edição, fotógrafo e director da Biblioteca de Arte da Gulbenkian, 2008 ficará conhecido em Portugal como 'o ano do imaginável'. 'Estava-se à espera que estas concentrações acontecessem. Inimaginável era que não acontecessem.'"[17] Zita Seabra, editora responsável pela Alêtheia, concorda com a previsibilidade e inevitabilidade deste cenário, descrevendo-o como "um rearrumar normal do mercado"[18], ao mesmo tempo que espera que contribua para a reanimação do mesmo.

O ano de 2008 ainda não chegou ao fim e na história do mercado editorial português, este ano, ficará certamente conhecido como um ano de fusão, aquisição e concentração de editoras, mas onde, mesmo assim, "nenhum grupo dispõe sozinho de uma cota de mais de 15% de mercado."[19] Ainda assim, através da análise da tabela estatística da APEL relativa ao primeiro semestre do ano[20], repara-se que não existem oscilações significativas, relativamente aos valores estatísticos nos cinco anos anteriores.

Até aqui o cenário que se tem mostrado parece estar a evoluir para um caminho onde se depreende que o meio editorial se tem tornado refém de capacidades de lidar com áreas mais próximas da gestão de assuntos financeiros e/ou fiscais, do que propriamente com publicações. Tentar-se-á, ainda ao longo deste capítulo, mostrar outras realidades a ter em atenção.

[17] CARVALHO, Ana Margarida; FILLOL, Joana. *E, no entanto, elas movem-se!*. Visão. Paço de Arcos. ISSN 0872/3540. Nº 776, 2008, p. 98

[18] CARVALHO, Ana Margarida; FILLOL, Joana. *E, no entanto, elas movem-se!*. Visão. Paço de Arcos. ISSN 0872/3540. Nº 776, 2008, pp. 101–102

[19] CARVALHO, Ana Margarida; FILLOL, Joana. *E, no entanto, elas movem-se!*. Visão. Paço de Arcos. ISSN 0872/3540. Nº 776, 2008, p. 101

[20] http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=206&langid=1

1.1 Publicar

Publicar ainda é vulgarmente entendido e para muitos editores ainda significa – *tornar público*[21]. Ellen Lupton[22] adianta ainda—"To publish is to put yourself out there, by proclaiming that you have content that's worth sharing with other people. (...) Most publishing ventures, however, are motivated not so much by profit as by the universal human desire to share ideas through permanent, reproducible, exchangeable media."[23]

Ao mesmo tempo que nos parece que manter uma estrutura editorial é uma tarefa árdua, pela forte competitividade entre grupos financeiros. O que se tem verificado, afinal é que na verdade—publicar—até pode ser bastante fácil. Dependerá, certamente dos objectivos que se propõe e do grau de envolvimento no projecto que se quer estabelecer.

1.2 Posicionamento e Referências

Peter Bilak[24], co-editor da revista *Dot Dot Dot*, comenta que segue a tradição das publicações independentes, mas que jamais existiu alguma ideia de posicionamento da revista, apenas o interesse em fazer algo e continuar a reinventá-lo regularmente. Acrescenta que se trata de uma pequena publicação e como tal, nunca sentiram muita necessidade em se esforçarem para agradar a uma audiência. É com regularidade que dão ênfase ao facto de não seguirem qualquer política editorial, não seguirem qualquer filosofia no design, nem seguirem qualquer escola de pensamento. Explica que pode parecer uma forma de evitarem discussão sobre as suas motivações, mas que a verdadeira motivação encontra-se no processo de tornarem possível cada novo número da revista.

Entende-se então, que é chegado o momento de comentar vontades e, de tentar traçar um possível posicionamento quanto ao perfil editorial que se oferece produzir.

---

[21] CHAPPELL, Warren; revised and updated by Robert Bringhurst. *A Short History of the Printed Word*. Vancouver: Hartley & Marks Publishers Inc., 1999, p. 295

[22] Escritora, curadora e designer gráfica. Directora do MFA em Design Gráfico e do Center for Design Thinking no Maryland Institute College of Art (MICA).

[23] LUPTON, Ellen. *Indie Publishing–A Pocket Guide To Publish Your Own Content*, 2007 (*download* disponível em www.elupton.com/files/Indie_Publish_Handbook.doc)

[24] VANDERLANS, Rudy. *An interview with Peter Bilak*, Emigre 67, Berkeley – Nova Iorque: Émigré Inc. – Princeton Architectural Press, 2005, p. 26

A vontade de publicar material impresso não nasce do zero, tem raízes e influências que estão sobretudo ligadas à produção e aos percursos de vários autores e editores.

Pretende-se que a estrutura editorial que se está a construir, produza livros com conteúdos relacionados com a comunicação visual, tais como ensaios e reflexões, ilustração, banda desenhada e imagem fotográfica, mas não se pretende, ainda assim, que se fixe segundo normas rígidas e inflexíveis, tanto de ordem formal como ética e moral. Segue-se com atenção as lições e conselhos sobre as múltiplas possibilidades ao nosso alcance para publicar conteúdos, através de formas mais clássicas, ou alternativas para aventuras financeiramente menos ambiciosas. Essas lições podem ser encontradas entre os mais variados títulos[25] que Ellen Lupton tem disponibilizado, onde não só dá indicações sobre a forma de produzir e finalizar livros como tenta produzir pensamento e reflexão sobre conceitos que acompanham a história da palavra impressa desde os primórdios da sua existência. Aos tradicionais conceitos – Direito de Autor e *Copyright* –, somos levados a questionar os seus propósitos e considerar adoptar conceitos mais recentes como – registo parcial de direitos na rede *Creative Commons*, o *Copyleft*, o *Copyriot*, ou até mesmo, optar por evitar qualquer tipo de abordagem burocrática em relação ao material a imprimir, para consequentemente tornar público. A autora tem igualmente promovido a divulgação de formas alternativas aos princípios da *economia de escala* e *produção massificada* de livros, no que diz respeito à sua produção e distribuição – como são os casos dos vários serviços para impressão, acabamento e distribuição *Print On Demand* (POD). Nestes casos, os livros não são produzidos em quantidade, mas sim, apenas quando são encomendados e, o preço não varia em relação ao número de exemplares pedidos. Lupton explica – "the unit cost will be much higher than a mass-produced book, but you won't need much capital in advance."

Podemos usar, *quase* como guia para produção e publicação alguns dos exemplos que Lupton oferece e, até mesmo preferir colocar em prática, percursos mais próximos de características utilizadas para autopublicação num procedimento *Faça-Você-Mesmo* (*Do-It-Yourself*, D.I.Y.).

---

[25] Alguns exemplos de obras da autora onde os títulos quase se repetem, dada a constância da sua prática na divulgação e tentativa de estímulo à produção criativa e editorial:
– LUPTON, Ellen. *Indie Publishing –How to Design & Publish Your Own Book*. Nova Iorque – Princeton Architectural Press, 2004;
– LUPTON, Ellen. *D.I.Y. Design it Yourself*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2006;
– LUPTON, Ellen. *D.I.Y. Design it Yourself Deck*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2007;
– LUPTON, Ellen. *Indie Publishing –How to Design and Produce Your Own Book*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2008;
– LUPTON, Ellen. *Indie Publishing –A Pocket Guide To Publish Your Own Content*, 2007 (*download* disponível em www.elupton.com/files/Indie_Publish_Handbook.doc)

Pela mesma associação de ideias, pode ser encontrada informação gratuitamente compilada por vários autores e editores tais como os dois exemplos que se seguem: (1) o *Re – A Guide To Reproduction*[26], compilado por Ron Rene Jr.[27], Dave Choe[28], Brian Ralph[29] e Jordan Crane[30]. Aqui encontram-se descrições minuciosas de várias técnicas de reprodução e publicação, desde a digitalização de originais, ao seu tratamento e preparação para impressão em fotocópia, serigrafia e offset. (2) O *Soyfriends Home-Publication Guide*[31], compilado e editado por Rui Tenreiro[32], tenta disponibilizar a informação básica necessária para a produção de publicações caseiras, com o mínimo de recursos e em simultâneo, tenta exteriorizar a ideia de que é possível criar, quase sem limitações e constrangimentos. Este é um guia bastante prático, onde se apresentam múltiplas possibilidades técnicas para reprodução, impressão, publicação e distribuição, descrito numa linguagem clara e acessível.

O título *Watcha Mean, What's a Zine?*[33], editado por Ester Pearl Watson[34] e Mark Todd[35], reúne testemunhos de mais de duas dezenas de autores e editores com uma construção narrativa próxima do *comic-book*. Introduz o leitor ao mundo da autopublicação e dos vários mecanismos no activo meio D.I.Y. norteamericano, explica técnicas de reprodução, impressão, acabamento, distribuição e gestão de recursos materiais e financeiros. Contextualiza também, em termos históricos, vários conceitos e movimentos. Tal como se pode comprovar através de várias contribuições que encontramos ao longo do volume, tais como - *200 Years of Zine Production* de Dan Zettwoch[36]; *Pioneers and Stamp Lickers*, de Dave Kiersch[37], *The Evolution of Self-Publishing* dos próprios editores; *From a Zine to a Magazine*, entrevista com Laurie Henzel[38]; *Slow Sales and Accidental Dinners: My First Convention and How we Dined with Stars*, de Martin Cendreda[39]; *The Cut'N'Paste Poet, William S. Borroughs' Cut-Up Technique* de Christopher Lepkowski[40]- , entre muitos outros.

---

[26] Disponível para *download* em: http://www.reddingk.com/img/reproguide.pdf

[27] Autor e editor. http://www.geocities.com/ronregejr

[28] Artística visual. http://www.davidchoe.com

[29] Ilustrador. http://www.bralph.com

[30] Autor, editor e fundador da Reddink. http://www.reddingk.com

[31] Disponível para *download* em: http://www.soyfriends.com/guide/soyfriends_fanzine_guide.pdf

[32] Autor, editor e fundador da Soyfriends Books. http://www.soyfriends.com

[33] TODD, Mark; WATSON, Esther Pearl. *Whatcha Mean It's A Zine?*.Boston: Graphia, 2006

[34] Ilustradora, artísta plástica e professora. http://www.estherwatson.com

[35] Ilustrador e professor. http://www.marktoddillustration.com

[36] Autor e editor. http://zettwoch.blogspot.com

[37] Autor e editor. http://www.davekcomics.com

[38] Co-fundadora e co-editora da Bust Magazine. http://www.bust.com

[39] Autor e editor. http://www.zurikrobot.com

[40] Escritor e editor. http://www.narrowbooks.com

Nos termos em que se propõe a criação e desenvolvimento desta pequena estrutura editorial, considera-se importante referir a forma como Rudy VanderLans orientou durante cerca de 21 anos a sua actividade como editor da revista *Emigre*. No último número da revista (nº 69), que encerrou a actividade da mesma, VanderLans expõe ao longo de 69 capítulos a sua experiência profissional como editor, ao lado da sua carreira de designer gráfico. Descreve momentos de euforia mas também de angústias passadas, próprios da actividade e, aproveita para lançar constantes interrogações sobre a prática da mesma.

Segundo VanderLans[41] – existe um certo romantismo associado à publicação em escala reduzida, uma vez que permite a criação de trabalho sem grande compromisso e sem grande preocupação, na eventualidade de ser mal interpretado, o que encoraja assumir riscos e encoraja a experimentação. Por todos esses motivos e tendo sempre em conta que publicar, significa literalmente – *tornar público*, VanderLans questiona-se se o método utilizado para publicação em escala reduzida, não terá derrotado os seus próprios propósitos.

A essa interrogação tentaremos voltar no último capítulo deste trabalho.

[41] VANDERLANS, Rudy. *The End*, Emigre 69, Berkeley – Nova Iorque: Émigré Inc. – Princeton Architectural Press, 2005, p. 64

2 Metodologia/ Trabalho prático

Iniciou-se um caminho na tentativa de possibilitar o desenvolvimento de projectos editoriais, que passo a descrever com divisão por partes.

Parte 1 – *The Ressabiator, se não podes pô-los a pensar uma vez, podes pô-los a pensar duas vezes*

Em Junho de 2007, Mário Moura era questionado sobre a possibilidade de editar os ensaios que tem vindo a publicar regularmente, maioritariamente através do blogue que autopublica desde 2004—*The Ressabiator, se não podes pô-los a pensar uma vez, podes pô-los a pensar duas vezes*.

A ideia não era nova, mas depois de muito pensar sobre a possibilidade de usar a editora canadiana Drawn and Quarterly como caso de estudo para dissertação, equacionava-se como possibilidade de investigação, a criação de uma editora, transformando-a naturalmente no próprio caso de estudo.

De repente, vários projectos pareciam merecer ser impressos, restava avaliar muito bem os limites no campo de acção, mas também o tipo de estrutura de produção que tornasse o projecto exequível.

The Ressabiator seria o primeiro projecto a merecer investimento e poucos dias depois de assim ficar determinado, surgia aquela que poderia parecer a primeira perturbação. Pedro Nora e Isabel Carvalho estavam a preparar a fundação de uma nova editora—Braço de Ferro – Arte & Design—e acabavam igualmente de convidar Mário Moura a publicar os seus ensaios. O primeiro passo seria o encontro com o autor e Pedro Nora, perceber as intenções de cada um e adaptar o projecto a uma nova realidade. Ao segundo encontro decidiu-se que em vez de um livro, se fariam dois, sendo que um seria uma narrativa gráfica a desenvolver em parceria entre Mário Moura e Pedro Nora, publicado pela Braço de Ferro e o outro uma antologia de ensaios publicada pela Plana. Como condição decidiu-se que os dois volumes seriam lançados em simultâneo e não seriam vendidos em separado.

Mário Moura entregou a recolha de textos a incluir na antologia em Dezembro de 2007. Susana Cunha fez uma primeira revisão de texto, seguida por uma segunda revisão de Luís Camanho. Com todas as anotações, Luís Camanho e o autor reuniram-se para uma nova correcção. Depois deste encontro os textos foram entregues a Pedro Nora que assumira o cargo de todo o projecto gráfico, incluindo a paginação do livro.

Previa-se que o livro seria lançado no decorrer da primeira quinzena de Setembro de 2008, contudo, devido a imprevistos de calendário ainda não foi possível avançar mais na concretização deste título.

Esta foi a primeira escolha para iniciar o catálogo que se propunha construir. A ideia de iniciar a produção editorial com Mário Moura partiu do sentimento de necessidade de publicar textos de reflexão que se pensa que estão para lá dos domínios do pensamento sobre design. Cuidadosamente escritos, recheados de referências bibliográficas e carregados de humor, tratam de vários temas pertinentes à cultura visual sem ter receio de tratar assuntos incómodos para uma boa parte da comunidade de designers nacionais, que ainda não estão habituados a ter que lidar com a construção crítica de uma forma pacífica. Porque se pensa que existe espaço para reflexão sobre a cultura visual e o design gráfico em particular, mas não existem editores nacionais a investir na matéria, este pareceu ser um excelente projecto para iniciar esta investida.

Parte 2 – *Tomorrow The Chinese Will Deliver the Pandas*

A primeira abordagem a Marco Mendes para a possibilidade de iniciar uma série de publicações ao estilo *mini-comic* norte-americano foi em Julho de 2007. Marco Mendes tem produzido e—na maioria dos casos—autopublicado, trabalho de grande qualidade nos domínios da ilustração e BD. Dada a consistência e qualidade do trabalho que este autor tem editado em formato fanzine, mas ainda sem estar representado em publicações com tratamento e acabamento gráfico que se entende que o trabalho do autor merece, parecia evidente a urgência em avançar para o agrupar e planificar de em livro.

O contacto recomeçou em Setembro e a partir daí, ao longo de vários encontros foi-se discutindo o formato físico e modelo de distribuição.

Tendo em conta a qualidade do corpo de trabalho que o autor reunia, sentiu-se a necessidade de começar a trabalhar neste conjunto de publicações com a intenção de possibilitar a sua leitura a nível internacional. Para isso, a colecção seria pensada e trabalhada para ter o trabalho final impresso em inglês. Com origem nesta decisão, sentiu-se a necessidade de reunir algum trabalho que já havia sido publicado anteriormente. Algumas pranchas em fanzines do Colectivo A Mula, outras no blogue que publica (diariorasgado.blogspot.com), com a diferença da substituição do texto inicial em português, por um texto traduzido para inglês. Funcionaria assim, mais como uma introdução para novos públicos além–fronteiras, do que propriamente para um público nacional.

As primeiras pranchas começaram a ser recolhidas em Dezembro de 2007, sendo que as primeiras traduções foram feitas por Pedro Moura. Na continuidade deste projecto, Elisabete Pinto fez a revisão das traduções de Pedro Moura e de algumas das vinhetas produzidas a partir de Janeiro de 2008. O texto de introdução do livro—*The Introduction Marco Made Me Write*—é da autoria de Lígia Paz e é uma adaptação do texto de apresentação da exposição individual do autor—*Uma Formiga na Saia do Universo*—na Galeria Plumba – Arte Contemporânea, inaugurada a 22 de Setembro de 2007.

O título da primeira publicação, todo o trabalho artístico e argumento apresentados, são da autoria de Marco Mendes, que também executou o tratamento de imagem. Depois de se discutirem várias possibilidades para o formato, chegou-se ao 17cm x 24cm, em vez do 17cm x 26cm pensado inicialmente. Optou-se por fazer o miolo do livro com papel *Munken Pure* de 90 gramas, impresso em offset a 1/1 cor. A capa seria impressa igualmente em offset, em papel *Munken Pure* de 200 gramas com 2/1 cores. A planificação gráfica foi composta por Luís Camanho e Ana Isabel Carvalho. A arte final e imposição de planos para impressão foi realizada por Jorge Nogueira.

Tomorrow The Chinese Will Deliver the Pandas, de Marco Mendes, tem 32 páginas mais capa, com 2 pontos de agrafe, ISBN 978–989–95807–1–8, depósito legal 278375/08. Teve uma tiragem inicial de 300 exemplares, numerados manualmente. O preço de venda ao público é de 5 euros e previa-se o lançamento no decorrer do mês de Maio. Por imposição da empresa que imprimiu os livros, só a 18 de Junho é que estes estavam concluídos, dois dias depois teve o seu lançamento público.

Parte 3 – *Pandora Complexa 500*

No início de Outubro de 2007, foi realizado o primeiro contacto com Julio Dolbeth[42] e Rui Vitorino Santos. Na altura o que se propunha era a compilação para livro de uma recolha e posterior selecção de publicações que os dois autores mantêm a um ritmo diário no blogue pandoracomplexa.blogspot.com, desde Junho de 2006.

A proposta inicial seria o lançamento de um livro no mesmo dia que eram publicadas as ilustrações que correspondiam ao número 500. Sendo assim, sugeriu-se o título *Pandora Complexa 500*. Deveria conter uma selecção de 10% de todo o trabalho publicado, num total de 100 ilustrações, 50 por cada autor. Na segunda quinzena de Dezembro, Julio Dolbeth e Rui Vitorino Santos confiaram os cadernos com as ilustrações originais e a respectiva indicação dos trabalhos seleccionados à equipa de produção.

[42] O autor tem assinado umas vezes com acento agudo, outras com a sua ausência. Decidiu-se imprimir no livro sem o acento, tal como o autor se apresenta no blogue www.pandoracomplexa.blogspot.com

A digitalização, o tratamento das imagens e a planificação gráfica inicial ficou a cargo de Luís Camanho. Em Janeiro foi recolhida uma segunda selecção que foi sujeita a tratamento semelhante à anterior. Após os primeiros testes de impressão com a totalidade das imagens, foi feita uma nova selecção com vista a poder projectar o primeiro mono de pré-impressão. Foi discutida a possibilidade de se fazer uma edição bilingue mas acabou por se optar apenas por uma edição em inglês. O texto de apresentação do livro foi entregue pelos autores, escrito em inglês. De seguida foi revisto para a versão final por Elisabete Pinto. Os autores entregaram uma versão digital da ilustração que dá nome ao projecto, tal como desejavam ver impressa no livro. A palavra *Pandora*, desenhada por Rui Vitorino Santos, enquanto que *Complexa*, era desenhada por Julio Dolbeth. Tal como estavam a ser publicados no blogue e acabariam igualmente por ser em livro, o título também era ilustrado à esquerda por Rui e à direita por Julio. Expressaram igualmente a vontade de que se mantivesse o formato original das ilustrações, mas não fizeram qualquer imposição quanto à capa do livro, apenas a ressalva de que não gostariam que fosse preta "para não parecer um caderno escolar da Firmo". Uma vez que não conseguiam chegar a um consenso quanto à cor a usar na capa, deixaram essa decisão para o editor.

A planificação final foi projectada por Luís Camanho e Ana Isabel Carvalho, com um auxílio final de Mário Moura na composição da página com o texto de apresentação. A arte final e imposição de planos para impressão foi realizada por Hugo Machado. Este foi o primeiro livro da Plana a ficar disponível. O logótipo da editora foi acrescentado na planificação final, um dia antes de começar a impressão e foi desenhado por Ana Isabel Carvalho.

O lançamento de *Pandora Complexa 500* foi atrasado para o dia 1 de Março de 2008, coincidindo com a inauguração de uma exposição dos autores na galeria da loja Fabrica Features Lisboa e com a publicação nº500, no blogue, tal como era pressuposto inicialmente.

O livro tem o formato A5 e 112 páginas mais capa. O miolo foi impresso em offset a 1/1 cor em papel *Munken Lynx* de 80 gramas. A capa foi impressa em offset a 1/0 cor em papel *Conqueror Connoisseur* de 300 gramas. É cosido e brochado. Tem o ISBN 978–989–95807–0–1 e depósito legal 272631/08. Teve uma tiragem inicial de 300 exemplares, numerados manualmente e assinados pelos autores. O preço de venda ao público é de 10 euros.

A escolha deste projecto colectivo, derivou da vontade de atribuir contornos físicos ao corpo de ilustrações publicadas *online* diariamente. Por se considerar um projecto singular no panorama da ilustração nacional, não pelo facto da constância da publicações mas sobretudo pelo universo narrativo e imaginário que a dupla de autores vai construindo de dia para dia, assumindo e arriscando os erros e o acidente no percurso da tarefa que se propõem.

Parte 4 – *Eggs & Ham in Rotterdam*

A sugestão para esta publicação surgiu em Novembro de 2008, meio ano depois de ver *The Stories the Maas River Once Told Us – An Outsider's View of Rotterdam*, de Ana Isabel Carvalho e Ricardo Lafuente, impresso no primeiro número da WdKA Magazine de Junho de 2006.

Aos autores seria proposto uma adaptação das mesmas histórias para uma versão num formato *mini-comic book*. As ilustrações foram redesenhadas e algumas histórias foram substituídas por outras que em 2006 não foram incluídas na versão impressa em revista ao longo de 4 páginas. Todas as ilustrações, histórias, digitalização, tratamento de imagem e planificação gráfica final foram executados pelos autores. O livro aguarda ser impresso mas já está registado na agência nacional ISBN com o número 978–989–95807–2–5 e o título *Eggs & Ham in Rotterdam*. Terá o formato A6, com 24 páginas mais capa e dois pontos de agrafe. O miolo será impresso a 1/1 cor em papel *Munken Lynx* de 90 gramas. A capa será impressa a 2/1 cores em papel *Munken Lynx* de 200 gramas.

Prevê-se que seja publicado ainda em Outubro de 2008, com o preço de venda ao público de 3 euros.

A vontade de avançar com este trabalho, consistiu essencialmente no facto de se sentir que estas histórias eram dignas de serem retiradas de uma publicação recheada de conteúdos dispersos e sem relação entre si. Ao mesmo tempo, por se sentir que tinham potencialidade para ganharem um novo formato capaz de alcançar público mais relacionado com a ilustração e a BD, tal como se pensa que este conjunto de histórias mereciam.

Parte 5 – *Mr Olive Tree*

Mr Olive Tree, encontra-se em fase de desenvolvimento e é um projecto do fotógrafo João Pinto, autor que assina como Juao Coracao. Prevê-se que terá 12 páginas no formato A5, impresso em quadricomia em papel *Munken Lynx* de 110 gramas, com 2 pontos de agrafe. Acoplado ao livro estará um poster desdobrável em formato A1 em papel *Munken Lynx* de 110 gramas, com uma imagem impressa em quadricomia.

A ideia de iniciar este projecto com Juao Coracao, remonta à altura em que se percebeu que este autor atingira uma intensa consistência de trabalho. Reunido numa série de projectos com estética imagética muito próxima dos conteúdos editoriais que se pretendem publicar na área da imagem fotográfica. A série de imagens que se apresentará neste livro é totalmente inédita.

Parte 6 – *I'm Not Moving Doesn't Mean I Can't*

I'm Not Moving Doesn't Mean I Can't, encontra-se em fase de desenvolvimento e é um projecto de Luís Camanho. Prevê-se que terá 12 páginas mais capa no formato A5, impresso em quadricomia em papel *Munken Lynx* de 110 gramas, brochado com 2 pontos de agrafe.

É um projecto inspirado num verso de uma música dos Sonic Youth e mostrará uma série de 24 imagens na tentativa de construir uma narrativa fotográfica, registada em deambulação pelas ruas de Manhattan na primeira semana de Março de 2007.

Parte 7 – *Mais Olhos Que Barriga*

Mais Olhos Que Barriga, encontra-se em fase de desenvolvimento e é um projecto de Inês Laranjeira. Trata-se de um livro de receitas cruzadas de três distintos chefes de cozinha que propõe a construção e projecção de possíveis identidades gastronómicas portuguesas nas suas múltiplas identidades geográficas. Conta com o projecto editorial de Inês Laranjeira e ilustrações de Tiago Albuquerque. A planificação ainda está a ser estudada. Existe um mono de pré-impressão, que funcionará já como protótipo, mas ainda serão necessárias alterações, sobretudo no que diz respeito ao formato e ao arranjo gráfico.

Este é um projecto que decorre no âmbito do trabalho final do curso de Mestrado em Design da Imagem, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). A ideia de avançar para a produção deste livro surgiu depois de assistir a uma apresentação do trabalho de Inês Laranjeira, na Aula Magna da FBAUP, na primeira semana de Abril de 2008 e, por ter ficado evidente o elevado potencial gráfico e editorial que este projecto demonstra. Conversou-se sobre a possibilidade desta colaboração e a empatia e vontade de abraçar o projecto foram assumidas de imediato ao longo dessa primeira abordagem.

3 Metodologia/ Estudo qualitativo

Se a característica principal deste projecto de investigação se inscreve sobretudo no percurso e nos resultados práticos decorrentes da produção e experimentação realizadas, interessa também perceber não só o caminho já explorado por outros editores, mas igualmente os seus modos de actuação, as suas motivações e ambições, bem como as suas frustrações e angústias. No fundo, permanecerá sempre uma tentativa de aproximação ou afastamento ao meio e às práticas utilizadas por alguns agentes que acabarão por funcionar como casos de estudo (André Lemos – Opuntia–Books, André Tavares – Dafne, Livros de Arquitectura, José Feitor – Imprensa Canalha, Luísa Geão[43] – Porto Editora, Marcos Farrajota – Associação Chili Com Carne e MMMNNNRRRG, Pedro Nora e Isabel Carvalho – Braço de Ferro, Arte & Design, Marco Mendes – Colectivo A Mula).

Foram encontrados 10 pontos aos quais interessa responder, que funcionam também como os mesmos pontos a serem utilizados como estrutura para recolha de dados sobre a forma de questionário. No sentido de tirar frutos da análise às várias respostas do inquérito, interessará encontrar pontos de vista convergentes, pontos de vista divergentes mas também tentar encontrar complementaridades entre eles e até padrões de comportamento—no caso de serem possíveis de identificar.

Tendo em conta o desenvolvimento do projecto prático, que coloca o trabalho de investigação no duplo papel de observador–observado, interessa também perceber como reagem os autores das publicações lançadas à data de entrega deste texto, por esse motivo também estão incluídos nesta lista de participantes.

1 Apresentação da editora, corpo editorial, organização e distribuição de tarefas.
Inicialmente interessa uma breve apresentação de cada projecto. Como é composto o seu corpo editorial, como se organiza e como trabalha a distribuição de tarefas.
Este parece o ponto de partida e a chave para um enquadramento, embora primário, em relação à classificação de cada projecto editorial.

2 Localização geográfica e idioma utilizado(s).
Interessa saber a localização geográfica da raiz do projecto – cidade, vila, aldeia ou lugar. Perceber se existe identificação local, se as publicações se desenvolvem a partir de

[43] Luísa Geão foi entretanto contratada pela multinacional Pearson Longman, especializada em dicionários académicos. Iniciará actividade em Novembro de 2008, na Cidade do Cabo, África do Sul.

temáticas locais e se tomam orientações com vista a públicos locais ou, não necessariamente por oposição, se o fazem com perspectivas de projecção internacional. Ao mesmo tempo será importante perceber a opção tomada em relação ao(s) idioma(s) a utilizar. Quais as incertezas que se colocaram e os porquês das opções assumidas.

3 Publicação/Objecto - formatos, tiragem, processos de produção.
Será importante encontrar os formatos e tipologias utilizados para publicação por cada caso de estudo, a quantidade de exemplares por cada tiragem, os seus métodos e processos de produção, sobretudo relacionados com técnicas de impressão e acabamento, até às escolha dos materiais utilizados.

4 Estratégias de comunicação.
Cada projecto editorial segue um caminho individual. Mesmo que não esteja na sua agenda a programação de uma estratégia de comunicação para início de cada investida, assim, acaba sempre por encontrar um percurso que se impõe ou vai sendo imposto por quem o traça. Por vezes, algumas decisões são estudadas e planeadas—tais como o recurso à colocação de informação em páginas *web*, blogues, correio electrónico, *flyers*, cartazes, páginas de jornais e revistas, *banners*, etc.—ou outras que vão surgindo à medida das necessidades e possibilidades. Também se encontrará as mistura destes dois aspectos. Para este estudo importará perceber as formas como cada projecto se difunde para o exterior. Quais os meios e as ferramentas utilizadas e as opções que se tomam para divulgar cada publicação.

5 Público-alvo.
Apesar de os casos de estudo apresentados não serem projectos originalmente pensados com sentido comercial, convém saber como se comportam em relação ao público que pretendem atingir, ou pelo menos, que imaginam que poderão atingir. Interessa perceber se conhecem ou encontram um perfil de identificação dos consumidores dos seus produtos, se esse perfil foi encontrado depois das reacções aos produtos publicados ou já estariam a pensar trabalhar para esse mesmo público.

6 Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos.
A produção de livros tem custos e absorve muito tempo a quem os publica. Interessa saber como cada projecto se desenvolve e organiza em termos financeiros. Quais os casos de estudo que são auto-sustentados e os que recorrem a ajudas financeiras de terceiros, seja por recurso a subsídios ou financiamentos estatais e/ou privados, ao mesmo tempo perceber os projectos que envolvem o risco do auto-financiamento ou mesmo a convivência entre estas várias possibilidades, pensando que cada publicação

poderá ter especificidades próprias e como tal, a mesma entidade que publica poderá fazer variar as suas possibilidades de actuação em relação ao empreendimento a fazer.

7 Enquadramentos legais.
Neste ponto, convém sobretudo saber em que moldes se move cada estrutura no que diz respeito a questões ligadas à legalidade do material publicado, não só a níveis autorais mas também em relação às ferramentas utilizadas para a produção, tais como o *software* e fontes tipográficas utilizadas. Também importa apurar a que ponto cada publicação fica registada formalmente, se tem Depósito Legal, atribuição de ISBN e reserva de direitos de autor registada. Em alguns aspectos poderá ser um ponto com relação directa a alguns assuntos abordados no ponto 6 (Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos), pois será estudada e comparada a forma de facturar, sobretudo no que diz respeito a assuntos fiscais.

8; 9; 10 Manutenção/ Resistência. Porque publicam? Desde quando?
A palavra resistência poderá muitas vezes ser entendida com uma certa conotação política e de programa panfletário. Não interessa aqui explorar o campo político de acção de cada projecto editorial mas tentar perceber a sua forma de estar e persistir no meio editorial. Interessa por isso perceber se *resistir* é uma forma de estar e mover ou se se poderão encontrar outros pontos de vista nas relações quotidianas de cada editor. Com a proliferação e desenvolvimento de plataformas *web* gratuitas de publicação, onde os blogues atingiram possivelmente um mais rápido reconhecimento e igualmente maior adesão. Tanto pela sua facilidade de edição e publicação, como pelos reduzidos custos que necessitam para existirem, pela quase ausência de censura e ao mesmo tempo a rapidez da possibilidade de frequência de publicação e a vantagem de receber *feedback* por parte do leitor, transformam estas plataformas *web* em ferramentas que competem de forma desigual e pouco equilibrada com os documentos impressos. Mas não será também uma forma de publicação meramente efémera quando comparados com publicações impressas que circulam entre livrarias e se arquivam em bibliotecas? Como tal e à medida que os grupos editoriais estão cada vez mais concentrados e directamente ligados a outros campos de negócios, convém perceber de que forma estas pequenas estruturas editoriais continuam a sua actividade, independentemente de poderem ser considerados como actos de resistência, teimosia ou pura perseverança. Tentar perceber também até que ponto editar poderá ser reconhecido ou entendido como um vício ou uma mera necessidade. Perceber na realidade porque publicam, para quem publicam e desde quando publicam será um dos objectivos a atingir não só com estes pontos finais, mas desde o início de todo o processo que fez iniciar o percurso desta investigação.

4 Participantes/ Procedimento

Foram realizadas entrevistas a André Lemos, André Tavares, José Feitor, Julio Dolbeth e Rui Vitorino Santos, Luísa Geão, Marco Mendes, Marcos Farrajota, Pedro Nora e Isabel Carvalho.

Todas as entrevistas foram gravadas em suporte Mini-Disc (MD), excepto o questionário com Pedro Nora e Isabel Carvalho. Por falha técnica, a entrevista foi transcrita no momento.
Depois de transcritas, todas as entrevistas foram transformadas em – Resultado. O resultado apresentado apura informação qualitativa e no sentido de não deturpar ou deixar informação perdida, cada participante teve a possibilidade de rever e/ou editar o que havia sido apurado. Para esse efeito foram enviados documentos individuais a cada participante com o respectivo resultado. Nesse sentido, André Lemos e José Feitor, puderam acrescentar informação relativa ao ponto 5 Público-alvo, pois não tinham respondido à questão durante a entrevista. Marco Mendes refez totalmente algumas respostas dadas inicialmente, justificando com o facto de, durante a entrevista, não ter mencionado informação que considerava importante para melhor ser apresentado o seu projecto ao lado de Miguel Carneiro.

Apresentação dos participantes e os motivos pelos quais foram escolhidos para esta investigação.

André Lemos – Opuntia–Books[44]

André Lemos é ilustrador e iniciou o projecto Opuntia–Books em Janeiro de 2006. Um projecto que se dedica essencialmente à publicação de fanzines de artista (classificação do próprio editor).
A entrevista foi realizada no dia 28 de Junho de 2008, em simultâneo com José Feitor da Imprensa Canalha, no decorrer da 10ª Feira Laica, na Bedeteca Municipal de Lisboa.

Este autor e editor, é um dos mais activos protagonistas na área da ilustração e BD em Portugal dos últimos anos. Tem vários títulos individuais, alguns autopublicados, outros lançados por diferentes chancelas, ex: *Quem é este homem?* (Lx Comics #4, Bedeteca de Lisboa; 1999), *Super Fight II – George Grosv Vs André Lemos* (Mesinha de Cabeceira #16, MMMNNNRRRG; 2002), *Tribune Brute* (MMMNNNRRRG; 2005), *Even Gravediggers Read Playboy* (Opuntia–Books; 2006), *Cirque Intraveineuse* (François Laporte; 2006), *Family Portraits* (Opuntia–Books; 2007), *Word Games – Shaken Not Stirred*

[44] http://opuntia-syndrome.blogspot.com

(Opuntia–Books; 2008), *O Percurtor Harmónico* (Opuntia–Books; 2008). Conta com trabalho publicado em múltiplas publicações colectivas, desde revistas, fanzines, ou antologias gráficas, tanto nacionais como internacionais, tais como *Arbres en Plastique Fuilles en Papier* (B), *Das Grosse Tier* (D), *Mesinha de Cabeceira*, *Mutate & Survive*, *Néscio*, *Quadrado*, *Smittekilde* (DK), *Umbigo*, *Underworld*, entre muitas outras. Para além do volume de trabalho publicado que apresenta, tem também percorrido nos últimos anos, várias feiras e mostras de livro "alternativas" nacionais e internacionais. As publicações que edita na Opuntia–Books primam pelo rigor e valorização do trabalho manual. A descrição que se acaba de fazer é em si reveladora da pertinência na escolha de André Lemos para participante neste inquérito.

André Tavares – Dafne Editora, Livros de Arquitectura[45]

André Tavares é arquitecto e juntamente com o pai, o arquitecto e professor Domingos Tavares, fundou a Dafne, Livros de Arquitectura, que publica com regularidade desde Setembro de 2003.
A entrevista foi realizada no dia 4 de Julho de 2008, nas instalações da Dafne, Livros de Arquitectura.

A Dafne, Livros de Arquitectura, "é uma pequena editora de vão de escada, como alguém disse dos arquitectos do Porto", tal como gostam de ser apresentados. O projecto lançou o primeiro título no segundo semestre de 2003 e em cinco anos conseguiu consolidar um catálogo com mais de 40 títulos, repartidos por três colecções – *Sebentas de História de Arquitectura Moderna*, *Equações de Arquitectura* e *Opúsculos*. Todas as edições são acompanhadas por um evento de participação e amostra públicas. Os títulos que publicam seguem linhas gráficas individualizadas para cada colecção e um cuidadoso design gráfico usualmente a cargo de Manuel Granja, Gráficos do Futuro ou R2 Design. A Dafne foi escolhida para o elenco deste inquérito não só pela exposição acabada de fazer, mas também pela forma como sabe estar e se posiciona no mercado editorial nacional, como pequena editora que funciona e acredita no livro impresso mas que também aposta na edição *online* em formato PDF.

[45] http://www.dafne.com.pt

José Feitor – Imprensa Canalha[46]

José Feitor é ilustrador, professor e designer gráfico. Iniciou o projecto Imprensa Canalha no primeiro semestre de 2006. Dependendo da especificidade de cada edição, varia as suas publicações entre o formato livro e o formato fanzine. Também tem editado compilações de filmes curtos em formato DVDR.

A entrevista foi realizada no dia 28 de Junho de 2008, em simultâneo com André Lemos da Opuntia–Books, no decorrer da 10ª Feira Laica, na Bedeteca Municipal de Lisboa.

José Feitor foi editor do fanzine Zundap. Fundou e dirige a Imprensa Canalha onde tem publicado títulos de referência na área da ilustração e BD, entre projectos individuais e títulos "cooperativos". *Mundo dos Insectos* (2006), *Néscio, Revista Portuguesa de Idâias* (2006), *Belo Cadaver* (2006), *Babinsky* (2007), *Animais* (2007) e *Cabeça de Ferro* (2008). Para além de prolífero autor e editor, José Feitor tem conseguido manter uma actividade incessante na organização de exposições, feiras e eventos de promoção relacionados com as artes gráficas, como também a participação e realização de *workshops* de gravura e serigrafia. O interesse em recolher o seu testemunho para este projecto mostrava-se relevante.

Julio Dolbeth e Rui Vitorino Santos – autores de *Pandora Complexa 500*

Dupla de ilustradores, designers gráficos e professores. Publicam no blogue Pandora Complexa desde Junho de 2006.

A entrevista foi realizada no dia 4 de Julho de 2008, durante um intervalo de uma acção de pintura colectiva de um eléctrico, intitulada Interferência S.P.O.T. Estes autores foram entrevistados com uma finalidade diferente da dos restantes participantes. Considerava-se necessário perceber a principal diferença que estes autores sentiam entre ver este seu projecto impresso, quando comparado com as publicações em blogue.

Luísa Geão – Porto Editora[47]

Luísa Geão é coordenadora editorial da Divisão Editorial Literária do Porto desde 2004, do grupo Porto Editora, fundado em 1944.

A entrevista foi realizada a 30 de Junho de 2008, na sala de estar da Plana.

Foi com a intenção de perceber o processo de produção editorial num grande grupo económico, que se entrevistou Luísa Geão, com cinco anos de experiência na coordenação editorial de um forte e financeiramente estável grupo editorial.

[46] http://www.imprensacanalha.blogspot.com

[47] http://www.portoeditora.pt

Marco Mendes – Colectivo A Mula, autor de *Tomorrow the Chinese Will Deliver the Pandas*[48]

Ilustrador, designer gráfico e professor. Juntamente com Miguel Carneiro forma o Colectivo A Mula, com quem publica com regularidade desde 2004.

A entrevista foi realizada a 2 de Julho de 2008, na sede da Plana.

Inicialmente esta entrevista tinha propósito semelhante ao da entrevista com os autores de *Pandora Complexa 500*, mas tendo em conta a experiência em auto–publicação que Marco Mendes detém, revelou-se igualmente interessante colocar também, as mesmas questões que se apresentaram aos restantes participantes.

Marcos Farrajota – Associação Chili Com Carne[49], MMMNNNRRRG[50]

Responsável pela Bedeteca Municipal de Lisboa, é editor da Associação Chili Com Carne e da MMMNNNRRRG. Dedica-se especialmente à publicação de BD e ilustração mas também conta com vários livros de ensaio em catálogo.

A entrevista foi realizada a 28 de Junho de 2008, no decorrer da 10ª Feira Laica, na Bedeteca Municipal de Lisboa.

Marcos Farrajota trabalha na Bedeteca de Lisboa. Edita o fanzine *Mesinha de Cabeceira* desde 1992. Em 1995 criou a Associação Chili Com Carne e mais recentemente a editora MMMNNNRRRG. Conta, nos dois projectos editoriais, com a edição de títulos como *O Macaco Tozé* (de Janus, 2000), *Sourball Prodigy* (de Mike Diana, 2002), *Tóquio – Hong Kong – Shangai – Singapura* (de Pedro zamith, 2003), *Malus* (de Christopher Webster, 2005), *Noitadas, Deprês e Bubas* (de Marcos Farrajota, 2008), *Cadernos do Fausto* (de Rafael Dionísio, 2008), entre muitos outros.

Para além da actividade editorial também é autor e tem escrito sobre BD e fanzines em inúmeras publicações ao longo dos anos, está igualmente ligado, tal como André Lemos e José Feitor a um grupo forte de autores e editores "irrequietos" que se movem no meio editorial "subterrâneo" nacional, com uma constância que poucos conseguem. No caso particular da escolha de Marcos Farrajota, o seu extenso curriculum de activismo na divulgação a estas actividades editoriais mais "marginais" parecia em si um verdadeiro caso de estudo, imperativo de contactar e apresentar o questionário merecido.

Pedro Nora e Isabel Carvalho – Braço de Ferro, Arte & Design[51]

[48] http://diariorasgado.blogspot.com

[49] http://chilicomcarne.com

[50] http://mmmnnnrrrg.chilicomcarne.com

[51] http://bfeditora.net

Pedro Nora é designer gráfico e ilustrador, Isabel Carvalho é artista plástica e professora. Publicam livros de artista—como Braço de Ferro, Arte & Design—desde Outubro de 2007.

A entrevista foi realizada a 30 de Junho de 2008, na cafetaria da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP).

Publicam juntos com alguma consistência desde 1995. O novo projecto editorial, arrancou na mesma altura que se faziam os primeiros contactos para este estudo que é aqui apresentado. Uma vez que alguns dos interesses entre os dois projectos editoriais se cruzam, juntando a coincidência na altura do arranque da vida das duas estruturas editoriais, pareceu que seria de todo interessante, apresentar-lhes este inquérito.

5 Resultados

Braço de Ferro – Arte & Design

1 Apresentação da editora, corpo editorial, organização e distribuição de tarefas.

Braço de Ferro – Arte & Design.
Isabel Carvalho e Pedro Nora partilham todas as tarefas editoriais, excepto o envio postal, que fica ao cargo de Isabel Carvalho.

2 Localização geográfica e idioma utilizado(s).

Os editores vivem e trabalham no Porto, mas a editora não tem sede fixa. Tentam sempre que possível publicar edições bilingue, com a intenção de conseguirem atingir o maior número de público possível.

3 Publicação/Objecto – formatos, tiragem, processos de produção.

Têm como objectivo principal publicar livros de artista, na tentativa de registar e perpetuar eventos artísticos, mas também se interessam por ensaio.
Não têm formatos fixos para as publicações. Fazem tiragens únicas para cada projecto, geralmente 100 exemplares.

4 Estratégias de comunicação.

Não pensam em estratégia de comunicação. Têm um blogue que brevemente será complementado por uma página *web*, com a intenção de divulgar o catálogo disponível e a actividade da editora.

5 Público-alvo.

Não definiram formalmente o público-alvo, mas reconhecem que existe e está relacionado essencialmente com pessoas ligadas ao mundo da arte, do design e do meio universitário.

6 Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos.

Todas as publicações partem de investimento pessoal. Não contam com contabilidade organizada e até à data não recorreram a pedidos de subsídios ou financiamentos tanto públicos como privados, mas pensam que poderá ser uma possibilidade a ter em conta para futuras publicações.

7 Enquadramentos legais.
As publicações estão enquadradas como livros de autor, auto-edição.

8; 9 Manutenção/ Resistência. Porque publicam?
Não existem motivações panfletárias, apenas a necessidade de registar, para inscrever na memória, certos acontecimentos. Gostam de livros e daquilo que certas pessoas fazem, como tal, sentem uma obrigação social para documentar o que se passa.

10 Desde quando?
Como Braço de Ferro – Arte & Design, publicam desde Outubro de 2007.

———————

José Feitor – Imprensa Canalha

1 Apresentação da editora, corpo editorial, organização e distribuição de tarefas.
José Feitor, editor e responsável total.

2 Localização geográfica e idioma utilizado(s).
Funciona a partir do atelier que divide com André Lemos (Opuntia–Books) e a ilustradora Jucifer, em Lisboa.
Nas publicações em offset, com maiores tiragens, faz edições bilingue—português–inglês—, pois pensa também em mercados estrangeiros, mas nos fanzines em fotocópia e outras edições mais artesanais com menores tiragens, imprime apenas em português, a não ser nos casos em que o trabalho está noutra língua.

3 Publicação/Objecto – formatos, tiragem, processos de produção.
As edições artesanais produzidas em atelier são geralmente em formato A5, resultante da limitação da impressora laser que partilha no atelier e têm tiragens máximas de 75 a 100 exemplares. Nas publicações impressas em offset já se experimentaram vários formatos diferentes e estão abertos a qualquer novo formato, tentando sempre adaptar o objecto editorial a publicar a cada novo projecto. Nas edições em offset as tiragens são de 500 exemplares.

4 Estratégias de comunicação.
A Imprensa Canalha tem um blogue que se desdobra em múltiplos blogues individuais, cada um apresenta a respectiva edição. Tem um plano de subscrições anual, que a partir do pagamento de um valor determinado, cada cliente terá acesso a 3 edições da Imprensa Canalha por ano.

5 Público-alvo.
Sendo uma editora especializada em material essencialmente gráfico, o público-alvo situa-se entre os que consomem geralmente banda desenhada, ilustração e outros meios que conjugam palavra e imagem.

6 Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos.
Não faz contabilidade organizada, não recorre a pedidos de subsídios ou financiamentos públicos ou privados.

7 Enquadramentos legais.
Auto-edição. As edições impressas em offset são registadas com número de depósito legal, as edições artesanais não são registadas. Não há contabilidade organizada.

8; 9 Manutenção/ Resistência. Porque publicam?
Tem que publicar, para se sentir activo.

10 Desde quando?
Como Imprensa Canalha, começou a publicar no primeiro semestre de 2006.

André Lemos – Opuntia–Books

1 Apresentação da editora, corpo editorial, organização e distribuição de tarefas.
André Lemos, editor e responsável total pelos projectos editoriais.

2 Localização geográfica e idioma utilizado(s).
Funciona a partir do atelier que divide com José Feitor (Imprensa Canalha) e a ilustradora Jucifer, em Lisboa. Todas as publicações são bilingue, português-inglês.

3 Publicação/Objecto – formatos, tiragem, processos de produção.
Até à data, todas as publicações foram feitas em formato A5, derivado da limitação da impressora que partilha em atelier. A próxima publicação será em A4 horizontal, cosido à mão. Tiragens de 100 exemplares. Pensa que poderá chegar a fazer tiragens de 150 exemplares, mas não querem ultrapassar esse número. Desde o início que a Opuntia-Books traçou certas especificidades em relação aos objectos a publicar – edições com muito cuidado manual, tiragens pequenas sem reedição, numerados e geralmente assinados pelo autor.

4 Estratégias de comunicação.
Existe 1 blogue da editora onde estão anunciadas todas as publicações, com descrição sobre cada projecto e onde se disponibilizam algumas imagens. Utilizam-se feiras de fanzines para divulgar o catálogo. Faz-se a divulgação através de correio electrónico.

5 Público-alvo.
Considera que as suas publicações se destinam a qualquer pessoa que se identifique com o projecto, mas também se tenta direccionar a nível profissional, para artistas, galerias, museus, bibliotecas e livrarias especializadas.

6 Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos.
Não faz contabilidade organizada, não recorre a pedidos de subsídios ou financiamentos públicos ou privados. Cada edição depende da disponibilidade financeira do editor.

7 Enquadramentos legais.
Auto-edição. Não tem qualquer tipo de registo associado a cada publicação.

8; 9 Manutenção/ Resistência. Porque publicam?
Publica material que gostava de ver publicado mas que mais ninguém publica.

10 Desde quando?
Como Opuntia–Books, começou a publicar em Janeiro de 2006.

———————

Marcos Farrajota – Associação Chili Com Carne e MMMNNNRRRG

1 Apresentação da editora, corpo editorial, organização e distribuição de tarefas.

A Chili Com Carne (CCC) é uma associação juvenil sem fins lucrativos, fundada originalmente em Cascais mas que trabalha a partir de Lisboa, tem um corpo editorial que vai mudando conforme a disponibilidade dos elementos que a compõe. Marcos Farrajota mantém-se desde a fundação e é a peça central na actividade editorial. A MMMNNNRRRG é totalmente orientada por Marcos Farrajota.

2 Localização geográfica e idioma utilizado(s).

Os dois projectos editoriais funcionam a partir de Lisboa e misturam vários idiomas. Depende sempre de cada projecto. Algumas publicações são só em português, outras só em inglês e também já se fizeram edições em inglês com tradução para português.

3 Publicação/Objecto – formatos, tiragem, processos de produção.

O tipo de publicação, tanto para a CCC como para a MMMNNNRRRG, varia sempre com o projecto a editar, quer no formato, na tecnologia a utilizar e mesmo na tiragem. Publica-se banda desenhada, desenho, ilustração, literatura e ensaios, mas não estão fechados a outras possibilidades, como a fotografia, para dar um exemplo. As publicações em serigrafia estão limitadas a tiragens entre os 100 e os 200 exemplares. As publicações em offset em tempos chegavam a ter tiragens de 1000 exemplares na primeira edição, mas com a perda da distribuição em 2004, tem vindo a reduzir a tiragem para os 500 exemplares por edição. No caso das publicações de literatura e ensaio têm recorrido à impressão digital e fazem tiragens de 200 exemplares.

4 Estratégias de comunicação.

A CCC e a MMMNNNRRRG têm um sítio na internet que está sempre actualizado. A CCC mantém ainda um blogue. É sempre lançado um *press-release* para cada actividade agendada. De há uns anos para cá desistiu-se dos meios de comunicação mais tradicionais e dá-se preferência a divulgação especializada através de alguns blogues – ex: becodasimagens.blogspot.com de Sílvia Moldes e Sara Figueiredo Costa, lerbd.blogspot.com de Pedro Moura e sonhodenewton.blogspot.com de David Soares.

5 Público-alvo.
Não se pensa num público-alvo nem se fazem estudos de mercado. Sabe-se que existe um público que se pode interessar por este material e tanto pode ter "60 anos como 12". Tenta-se também chegar a novos públicos através de eventos como a Feira Laica ou feiras de fanzines e feiras de livros anarquistas.

6 Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos.
A MMMNNNRRRG trabalha sempre com capital próprio, neste caso, dependerá sempre de Marcos Farrajota. A CCC é uma associação juvenil sem fins lucrativos e serve como plataforma editorial para apoiar, promover e até distribuir outros projectos. Tem trabalhado com alguns subsídios que suportam parte dos custos de produção mas que nos últimos anos têm vindo a ser cada vez mais reduzidos.

7 Enquadramentos legais.
A CCC está totalmente enquadrada na lei como associação juvenil e serve de plataforma para enquadrar muitos projectos editoriais de dimensão mais reduzida. Desde a sua criação que foi pensada como uma grande corporação que serviria para reunir apoios no sentido de ajudar a melhorar projectos do maior número possível de criativos que publicam em livro ou em fanzine. A MMMNNNRRRG não tem qualquer tipo de registo, mas está devidamente enquadrada na estrutura da CCC.

8; 9 Manutenção/ Resistência. Porque publicam?
Para estes dois projectos manterem a produção é sempre um exercício de resistência. Nunca tiveram vendas milionárias mas em 2004 ao perderem a distribuição, tudo se tornou ainda mais complicado. No caso da CCC é menos difícil porque Marcos Farrajota nunca está sozinho, onde tem sempre algum apoio, mas na MMMNNNRRRG vacila mais porque toda a produção depende das sua capacidade de actuação. Publicam pela necessidade de fazer lembrar que se fizeram trabalhos dignos de não caírem no esquecimento. Pensa-se mais que é um investimento que terá maior reconhecimento a longo prazo.

10 Desde quando?
A associação Chili Com Carne foi fundada no ano de 1995. A MMMNNNRRRG editou o primeiro livro, *O Macaco Tozé* da autoria de Janus, no decorrer do ano 2000.

———————

André Tavares – Dafne Editora, Livros de Arquitectura

1 Apresentação da editora, corpo editorial, organização e distribuição de tarefas.

Domingos Tavares e André Tavares, são os editores e gestores de todo o projecto editorial.

2 Localização geográfica e idioma utilizado(s).

Os editores vivem e trabalham no Porto, Portugal. O sítio onde a editora "existe" é na internet. Utilizam o português com algumas cedências no acordo ortográfico, pois trabalham com alguns autores brasileiros. "Utilizam uma linguagem muito própria da arquitectura".

3 Publicação/ Objecto – formatos, tiragem, processos de produção.

Todos os livros têm o formato 15 x 22,5 cm, da mesma forma que os catálogos impressos. Têm uma colecção de publicações em formato pdf, a sua dimensão para a impressão por página é igualmente de 15 x 22,5 cm. Os livros são geralmente impressos a 1/1 cor, eventualmente 2/1 cores. Em alguns casos recorreram a papel de diferente qualidade para melhor imprimir algumas imagens. Trabalham sempre numa lógica de redução de meios para poderem publicar mais livros. Os livros têm tiragens de 1000 exemplares. As publicações em formato pdf estão disponibilizadas gratuitamente para descarregar através da página *web*.

4 Estratégias de comunicação.

A página *web* é o ponto decisivo para a comunicação e para tornar pública a existência do projecto como instituição. Organizam seminários, eventos de divulgação e debates em torno dos assuntos que os livros tratam, de forma a dar mais visibilidade a cada publicação e respectivo lançamento.

5 Público-alvo.

Essencialmente, todas as pessoas interessadas na história e no debate disciplinar de arquitectura.

6 Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos.

A editora é parte de uma empresa de arquitectura com contabilidade organizada. Têm vindo a conseguir apoios financeiros por parte de instituições privadas e estatais, em grande parte conseguidos através da estratégia de comunicação que têm empreendido.

7 Enquadramentos legais.
Existe uma empresa com número de pessoa colectiva, legalmente enquadrada e com contabilidade organizada. Todas as publicações têm registo de depósito legal, ISBN e nos casos das publicações periódicas o respectivo ISSN.

8 Manutenção/ Resistência.
A editora segue o seu percurso com alguma perseverança e sem grande preocupação no retorno financeiro. Os livros vão-se vendendo aos poucos e provam que não são "fenómenos de 3 meses como dizem os livreiros".

9 Porque publicam?
Começou como um projecto de um autor e editor que estava empenhado e disposto a financiar a publicação de livros de história de arquitectura e também ao nível do debate disciplinar em arquitectura, sem a preocupação inicial de retorno financeiro, apenas a convicção pessoal de que valia a pena publicar estes conteúdos.

10 Desde quando?
A Dafne Editora, Livros de Arquitectura publica desde Setembro/ Outubro de 2003.

———————

Luísa Geão – Porto Editora

1 Apresentação da editora, corpo editorial, organização e distribuição de tarefas.
Luísa Geão. Coordenadora editorial da Divisão Editorial Literária do Porto – Porto Editora.
A Porto Editora tem um editor chefe, o Eng. Vasco Teixeira. A Divisão Editorial Literária do Porto trabalha com duas marcas—a Porto Editora e a Ideias de Ler—, tem uma directora de departamento que é editora e 6 coordenadores editoriais. O assessor de imprensa da editora trabalha em colaboração directa com este departamento.

2 Localização geográfica e idioma utilizado(s).
Sediada no Porto, Rua da Restauração nº603. Por norma só editam em português, têm edições bilingue português–inglês, mas são apenas projectos pontuais.

3 Publicação/Objecto – formatos, tiragem, processos de produção.
O Bloco Gráfico—unidade de produção e acabamento, empresa da Porto Editora—trabalha com formatos definidos em função do máximo aproveitamento conseguido através das dimensões do papel que é adquirido. Durante muitos anos os formatos mantiveram-se padronizados, pois publicavam sobretudo manuais escolares. Nos últimos anos, com a edição de livros de ficção para público adulto e infanto-juvenil, introduziram-se novos formatos mas a preocupação de atingir o máximo aproveitamento do investimento em papel, mantém-se.
Só em casos excepcionais se fazem tiragens inferiores a 3000 exemplares por edição. No caso dos livros de ficção não se fazem tiragens inferiores a 5000 exemplares na primeira edição, havendo casos em que as tiragens ultrapassam as 20 000 cópias.

4 Estratégias de comunicação.
Tendo em conta a dimensão da empresa—com perto de 600 funcionários—, existe a necessidade de manter um departamento de comunicação centralizado que gere a comunicação interna e a comunicação externa. Com o aparecimento da Divisão Editorial Literária do Porto e com a necessidade de a associar a uma linguagem gráfica que a diferenciasse da linha que lhe era reconhecida, foi criada a figura do assessor de imprensa que trabalha directamente com os meios de comunicação mais tradicionais, como jornais, revistas e televisão. Recorrem regularmente à produção e afixação de cartazes e *outdoors*. Apostam bastante na internet, onde mantêm um sítio bastante completo e criam blogues específicos para alguns livros de ficção. Fazem expositores para pequenas lojas e ao mesmo tempo para grandes espaços comerciais. Prepara-se sempre um comunicado de imprensa para cada nova publicação.

5 Público-alvo.
Nos livros de ficção trabalham sobretudo para um público feminino entre os 20 e os 50 anos que se mantém fiel a alguns autores escolhidos, sobretudo autoras. Têm também livros técnicos e de gestão para um público masculino. Todas as opções são estudadas. O grosso do catálogo continua a corresponder a manuais escolares e dicionários para um público essencialmente composto por estudantes.

6 Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos.
A Porto Editora é uma empresa auto-suficiente que trabalha com capital próprio, como tal, não recorre a qualquer tipo de subsídios ou financiamentos tanto do estado como de privados.

7 Enquadramentos legais.
Existe a preocupação de se fazer tudo dentro da legalidade fiscal e civil e todos os devidos registos são assinalados ao imprimir cada publicação.

8 Manutenção/ Resistência.
A Porto Editora faz parte de um grupo antigo que sempre conseguiu manter-se economicamente estável. Desde a sua fundação existiu sempre uma preocupação muito forte de se manter um negócio familiar e completamente independente de outros grupos externos. Para o conseguir tiveram sempre uma gestão e controlo financeiro muito "apertados".

9 Porque publicam?
A fundação da Porto Editora resultou da vontade de publicar livros escolares pelo seu fundador, O Dr. Vasco Teixeira, pai dos actuais donos e gestores da empresa.

10 Desde quando?
A Porto Editora foi fundada em 1944.

Marco Mendes – Colectivo A Mula
Autor de *Tomorrow the Chinese Will Deliver the Pandas*.
Natural da Figueira da Foz, vive e trabalha no Porto.

1 Apresentação da editora, corpo editorial, organização e distribuição de tarefas.
Não se consideram apenas uma editora, mas sim, um colectivo artístico/editorial, composto por Marco Mendes e Miguel Carneiro. Trabalham em banda desenhada, ilustração e artes plásticas, convidando artistas dessas mesmas áreas para colaborar em diversos projectos: exposições colectivas, publicação e feiras de fanzines, pinturas murais, workshops, prémios de desenho, conferências, etc. A distribuição de tarefas é feita entre os dois de uma forma totalmente espontânea, tendo por diversas vezes a ajuda de outras pessoas, da confiança dos próprios, e que o fazem de forma gratuita. A Mula é de resto um projecto sem fins lucrativos, embora resulte (esporadicamente) das suas actividades algum dinheiro, que se destina a pagar despesas de logística e noites de copos entre os seus mentores, Marco Mendes e Miguel Carneiro, e os seus amigos/colaboradores.

2 Localização geográfica e idioma utilizado(s).
Trabalham a partir do Porto mas estendem a sua actividade até outros pontos do país, e não só. Em três anos de actividade já realizaram eventos em Lisboa, Braga, Coimbra, Guimarães, Miranda do Douro, Beja, Açores (Ilha Graciosa), Pontevedra, Vigo, etc. Publicam essencialmente em português, a não ser nos casos em que o trabalho original dos artistas convidados utiliza outro idioma, geralmente o inglês ou francês. Nesses casos não fazem qualquer tipo de alteração.

3 Publicação/Objecto – formatos, tiragem, processos de produção.
Até à data publicaram exclusivamente fanzines de BD, ilustração, desenho e pintura. Utilizaram sempre o formato A4. A maior tiragem até ao momento foi de 1000 exemplares para um fanzine, mas rondam habitualmente os 200 ou 300 exemplares.

4 Estratégias de comunicação.
A divulgação de todos as acções e actividades paralelas do colectivo, como a participação em feiras e *workshops*, é feita através de correio electrónico e está disponível *online* nos vários blogues que mantêm. Fazem questão de fazer cartazes, *flyers* e postais para alguns eventos, que colocam em locais estratégicos.

5 Público-alvo.
O colectivo não se preocupa em produzir seja o que for para um público-alvo, no sentido mais estrito do termo. No entanto, contam com a receptividade de um círculo de interessados em banda desenhada e ilustração, que se movimentam pelos mesmos meios. Ao longo do tempo e pelo facto de participarem regularmente em feiras de livros de BD, exposições, festivais e outros eventos, têm vindo a conhecer pessoas que geralmente não frequentam o mesmo circuito, mas que acabam por se reconhecer no material que publicam. O que os faz continuar é o diálogo, a discussão e a forma como as pessoas reagem à linguagem directa e sem subterfúgios, em que os temas são tratados: o amor, o sexo, a morte, o abuso das drogas e do álcool, a política, o desemprego, as dificuldades económicas, entre outros.

6 Contabilidade/ Subsídios/ Financiamentos.
Não têm contabilidade organizada, nem são auto-suficientes com a actividade editorial, pois precisam de manter outras actividades para subsistir (trabalhando em artes gráficas, leccionando ou vendendo o seu trabalho em galerias de arte). Nunca recorreram a qualquer tipo de subsídio. Conseguiram sempre equilibrar as despesas com os custos de impressão, através das vendas.

7 Enquadramentos legais.
Não têm qualquer preocupação em termos legais. Não passam recibos. Não pagam impostos.

8; 9 Manutenção/ Resistência. Porque publicam?
Não trabalham por questões monetárias. Produzem pela vontade de se divertirem e de exprimirem livremente aquilo que pensam. Revelam uma grande preocupação em dar visibilidade à obra de artistas que julgam muito importantes, nas áreas em que se movem, e que por motivos diversos não encontram outros meios para publicar ou expor o seu trabalho. Não se imaginam a desistir, porque isto lhes dá prazer, visibilidade e coragem para viver o dia-a-dia.

10 Desde quando?
Marco Mendes e Miguel Carneiro publicam regularmente desde 2004, como Colectivo A Mula.

6 Conclusão

"What is a book? A book can have 100 pages. A book can have 4 pages."[52]

É este o momento em que se reflectem conjuntamente as duas fases de estudo apresentadas na introdução deste trabalho e os principais resultados atingidos. Propusemos: (1) a criação de uma estrutura editorial que publica conteúdos relacionados com a comunicação visual e, (2) uma investigação de cariz qualitativo.

Como resultado da primeira fase deste estudo, demonstra-se que existe uma estrutura editorial activa e a planificar projectos para publicar, que conta já com dois títulos disponíveis para venda. Depois de se fazer um breve estudo e enquadramento sobre a actividade, chegou-se à conclusão que seria financeiramente incomportável tentar avançar para empreendimentos de grande escala. Os custos fixos anuais com taxas fiscais, rendas e obrigações com técnicos de contas, obrigariam a ter que direccionar esta actividade editorial para uma escala amplamente comercial, ou dependente de subsídios e apoios financeiros. Quando aquilo que se propõe é a especialização num nicho de mercado específico. Existe um investimento inicial suportado pelo editor e acredita-se que a longo prazo esse investimento trará alguma rentabilidade, embora reduzida, é certo ("os editores são optimistas por natureza, se não fôssemos, provavelmente não estaríamos nesta actividade"[53]). Até à data, as vendas de cada publicação têm conseguido suportar os custos de produção e auxiliar a financiar parte dos custos de impressão dos projectos que estão em progressão.

Uma forma simples e eficaz de tornar o projecto viável com reduzido investimento, passava pela opção de não construir uma organização empresarial. Para conseguir a atribuição de ISBN para cada título, bastaria a inscrição do editor na APEL. Para a colocação de volumes em livrarias seria necessário a colaboração directa com uma editora com contabilidade organizada. Esse objectivo ficou concretizado através de um acordo de cooperação com a Dafne Editora, Livros de Arquitectura. Os custos de impressão não são facturados ao editor por este não estar inscrito em sede de finanças como pessoa colectiva. Tal como ficou demonstrado no capítulo 2 Enquadramento, segundo a tabela de CAE, não é possível o registo de editor como trabalhador independente. Desse modo, para que cada publicação da Plana possa ser colocada à

[52] Irma Boom, durante uma conferência Personal Views na ESAD Matosinhos, 6 de Junho de 2008. http://www.irmaboom.nl ; http://www.esad.pt/personalviews

[53] António Baptista Lopes, presidente da APEL. Disponível em http://www.esferadoslivros.pt/clipping/20064261522475080 31.pdf

venda ao público, as guias de remessa e respectivos recibos de pagamento são passados pela Dafne. Por sua vez, os custos de impressão, pagos pela Plana, são facturados em nome da Dafne. As publicações estão legalmente enquadradas como livro de autor e pagam o respectivo valor de IVA.

A estrutura funciona com um corpo editorial de dois elementos. Luís Camanho é o editor responsável e Ana Isabel Carvalho é editora assistente. Partilham o grosso das tarefas de produção. Luís Camanho tem a seu cargo a gestão de fundos e, o contacto mais personalizado com os autores e o seu trabalho, tentando nunca esquecer as palavras de Elsie Myers Stainton – "You must win the author over if a better book is to be achieved. Being careful and accurate is not enough; being accepted as a helper and well-wisher completes your assignment."[54] Ana Isabel Carvalho é responsável pela operacionalidade do *backoffice* da página *web*[55], o local onde o projecto editorial ganha visibilidade. Nesse espaço *online*, podem ser consultadas todas as informações sobre as publicações e lançamentos. Em breve pensa-se que possam ser disponibilizadas todas as edições para *download* gratuito em formato PDF. Também se está a considerar a possibilidade de registo no serviço PayPal, para agilizar os pedidos por encomenda através do *site*, que tem funcionado por pagamento com transferência bancária e/ou vale postal.

A Plana funciona a partir da cidade do Porto, em Portugal, mas o idioma que imprime nas suas publicações dependerá sempre das especificidades de cada projecto. Sempre que se entende que o material a publicar poderá ter um potencial percurso internacional, abdica-se do português em benefício do inglês. Elisabete Pinto tem assegurado a revisão editorial em inglês.

A primeira publicação teve o lançamento oficial no dia 1 de Março de 2008. Não está pensada a fixação de um formato único para os livros, pois dependerá sempre da essência de cada projecto. Até à data os dois livros editados, foram impressos em offset, com o miolo a 1/1 cor. A capa de *Tomorrow the Chinese Will Deliver the Pandas* de Marco Mendes foi impressa a 2/1 cores, tem 32 páginas com o formato 17 x 24 cm. Enquanto que a capa de *Pandora Complexa 500* foi impressa, tal como o miolo, a 1/1 cor e conta com 112 páginas no formato A5. A publicação que se segue, *Eggs & Ham in Rotterdam* de Ana Isabel Carvalho e Ricardo Lafuente terá 24 páginas no formato A6 e a capa será impressa a 2/1 cores.

[54] STAINTON, Elsie Myers. *The Fine Art of Copyediting*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2002, p.47
[55] http://planapress.org

Os livros publicados têm Depósito Legal e respectivo ISBN. Foi comprada uma família tipográfica (Dolly, da Underware[56], licença nº 2102). Não foram registados direitos de autor, para nenhum dos livros publicados, autorizando com clara abertura a sua reprodução, este aspecto apesar de não ser um ponto inflexível na postura definitiva a adoptar, tem sido uma opção que se pretende manter, desde que não entre em conflito com as intenções dos autores. Se algum dos autores a trabalhar em próximos projectos fizer questão de fixar direitos de autor, não será impeditivo para a continuidade da colaboração.

Até à data, este projecto ainda não passa de uma aventura editorial e sobretudo de uma iniciativa pessoal. Reconhece-se um estimulo e uma grande vontade de editar o trabalho de autores que se aprecia e publica-se pelo fascínio das artes gráficas, pela vontade e necessidade de ver material de qualidade impresso e ao mesmo tempo pela satisfação em alcançar a possibilidade de conseguir torná-lo público.

6.1 Integração dos resultados da investigação

Através dos resultados obtidos, é possível encontrar alguns modelos padronizados seguidos pelos participantes. À excepção da Porto Editora, todos os participantes actuam com estruturas muito reduzidas, de um ou dois elementos e a edição não é a única actividade que exercem. Apesar da CCC ser uma associação juvenil sem fins lucrativos e, de ano para ano a actividade entre associados poder variar, nota-se ainda assim—que é Marcos Farrajota, o fundador da associação—quem motiva e faz com que a CCC se mantenha activa.

Dos vários casos de estudo apresentados, quatro estão sediados no Porto – Dafne, Braço de Ferro, A Mula e a Porto Editora. Os restantes estão fixados em Lisboa – CCC, MMMNNNRRRG, Opuntia–Books e Imprensa Canalha.

De todos estes casos, só a Porto Editora edita exclusivamente para o mercado nacional, a sua estrutura e posição no mercado assim o permite.

A Dafne, publica em português mas faz algumas concessões de forma a que o idioma seja melhor percebido por público brasileiro, uma vez que tem sinceros objectivos em atingir público no Brasil, onde assegura uma pequena distribuição.

Todos os outros projectos, que têm contornos menos institucionalizados, investem na internacionalização das suas produções. Para atingir esse objectivo, fazem sempre que possível, edições bilingue e participam em eventos como feiras de livro e fanzines fora do país.

[56] http://www.underware.nl

A Porto Editora produz em grande escala, nunca faz tiragens inferiores a 5 000 exemplares na primeira edição. Tem gráfica e serviços de distribuição próprios. Publica para um público generalista, mas ainda predominam a produção de manuais escolares e dicionários académicos – sector onde é reconhecida como uma das principais editoras nacionais.

A Dafne Editora trata dos conteúdos mas a produção gráfica apesar de acompanhada pelos editores, é planificada por designers escolhidos e contratados para cada projecto. Imprimem 1000 exemplares para todos as edições em livro. As sua publicações têm todas o mesmo formato – 15 x 22,5 cm.

A Imprensa Canalha, a Opuntia–Books, a CCC, a MMMNNNRRRG, a Braço de Ferro e A Mula, imprimem tiragens inferiores. Em casos pontuais, a CCC, a MMMNNNRRRG e A Mula já chegaram a imprimir 1000 exemplares. Todas estas estruturas optam pela produção em escala reduzida, tentando privilegiar a qualidade da produção manual e o facto de serem edições únicas que poderão esgotar num curto espaço de tempo. No caso das edições de produção com acabamentos manuais, estes editores publicam com formato A4 ou A5, imposto por limitações técnicas. Quando imprimem em offset, apresentam-se em formatos variados.

Todos os participantes utilizam a internet como plataforma prerrogativa para a comunicação e divulgação das suas publicações.

A Porto Editora tem *site* próprio, bastante completo e com diversas ramificações para todas as empresas e serviços satélite que possui. Cria blogues e recorre aos meios de comunicação tradicionais para publicitar os seus produtos.

A Dafne, a Braço de Ferro, a CCC e a MMMNNNRRRG, têm *site* próprio, enquanto que A Mula, a Imprensa Canalha e a Opuntia–Books recorrem à comunicação através de blogues gratuitos, em muitos casos com blogues associados ao blogue principal, onde se comunica de forma individualizada uma única publicação.

Comprova-se aqui, independentemente da dimensão da editora, que a internet se tornou imprescindível para o regular funcionamento da comunicação e divulgação em todas estas estruturas estudadas. Facto que obviamente não se considera *espantoso* no cruzamento de resultados, dado o peso e relevância que a *www* tem como plataforma de difusão de conteúdos.

Na Porto Editora todas as opções a tomar, ao nível financeiro, para cada publicação, são estudadas por gestores e *marketeers*, ainda antes da planificação gráfica. Todos as publicações são entendidas como produtos que não devem falhar o *target* a que se propõem. A Porto Editora produz para um público generalista e conta com colecções direccionadas para públicos-alvo específicos.

A Dafne publica essencialmente conteúdos relacionados com a história e o debate disciplinar da arquitectura. Como tal, as suas publicações são objectos direccionados para sectores do público com interesses próximos da própria disciplina da arquitectura.

Os restantes projectos movimentam-se em áreas de actuação com públicos muito próximos, mesmo quando exprimem não ser um factor que os leve a ter muito em conta quando publicam. Este aspecto, talvez se deva ao facto de estes editores produzirem inicialmente por acreditarem intensamente no material que estão a produzir e, acreditarem que mesmo que não seja um sucesso de vendas, pelo menos tiveram a capacidade de o tornar *público*.

A este ponto também poderemos ser levados a reflectir que o facto de a maior parte destes editores – também serem autores – poderá reverter para uma certa propensão para um maior entusiasmo na produção, sem abraçar muito espaço para se interrogaram sobre porquê, ou para quem o fazem. Nota-se, ainda assim, que as publicações destas estruturas editoriais encontram geralmente público entre outros editores e autores de ilustração, banda desenhada e artes plásticas, como também entre curiosos que visitam feiras de livro e fanzines, pequenas livrarias e galerias de arte.

Das várias estruturas estudadas, a Porto Editora é aquela que é imensamente diferente de todas as outras. É auto-suficiente, trabalha com capital próprio e é economicamente estável. Tem uma contabilidade extremamente controlada e está em actividade desde 1944.

Dos restantes casos de estudo, a CCC é a mais antiga a funcionar, desde 1995. Como foi referido anteriormente, trata-se de uma associação juvenil sem fins lucrativos e está enquadrada como tal em termos fiscais. Como os outros casos de estudo, a sua actividade não é auto-suficiente. Neste ponto, Dafne, CCC, MMMNNNRRRG, Imprensa Canalha, Opuntia–Books, Braço de Ferro e A Mula, estão em total convergência. A produção editorial nestes moldes e dimensões em escala reduzida, não lhes permite a auto-suficiência. Entre elas, só a Dafne apresenta contabilidade organizada, esse facto resulta por se tratar de uma empresa, inserida noutra empresa com actividade na prática da arquitectura.

Somos levados a concluir que nesta amostra de resultados, encontramos sobretudo duas posições face ao mercado, que se revelam completamente antagónicas, mas nem por isso se anulam no que diz respeito ao profissionalismo com que abraçam as tarefas editoriais.

A Porto Editora mantém-se no mercado editorial com uma imagem de forte projecção e investimento financeiro, o esforço dos seus cerca de 600 trabalhadores está praticamente canalizado para a tentativa de manter o grupo financeiramente estável e

com quota de mercado. As outras estruturas, apesar de variarem entre si, naquilo que diz respeito às suas obrigações fiscais, trabalham essencialmente com a finalidade de produzirem material em que acreditam que tem urgência em se tornar *público*.

6.2 Forças e limitações do projecto em curso

Entende-se que este trabalho apresenta algumas forças que merecem ser consideras e avaliadas juntamente como as limitações que apresenta.

A incapacidade de tornar viável a manutenção financeira—exclusivamente através da sua actividade editorial—numa pequena estrutura que publica e se movimenta num nicho de mercado tão reduzido, revela-se evidente. No entanto, no que diz respeito à criação da Plana, acredita-se que ainda é cedo para avaliar com rigor as consequências efectivas que o projecto atingirá. Entende-se que nunca se trabalhou com a pretensão de atingir lucros financeiros e acredita-se honestamente nos conteúdos que se trabalham para publicar. Pensa-se que reside aí a força do projecto. Só se publicam livros quando há saldo bancário na conta particular do editor capaz de pagar a sua produção e não existe qualquer tipo de pressão exterior para as publicações saírem em prazos apertados. A Plana, ainda assim, não coloca de lado a ideia de vir a trabalhar pontualmente com apoios ou financiamentos exteriores, mas também não pretende que a sua actividade dependa desses factores.

Até esta fase, nunca foi aflorada a ideia de que a possibilidade de autopublicação gratuita em formato blogue, seria uma fragilidade contra a qual, os editores de material impresso teriam que lutar. Essencialmente , por se acreditar que, tal como os autores com que a Plana trabalhou até ao momento acabaram por confessar em entrevista – os blogues representam publicações de carácter efémero, limitados pelo interface de um monitor e não apresentam objectos que revelem o carácter unificador de um corpo de trabalho. Apesar, ainda assim, de se reconhecer uma grande vantagem na imediaticidade dessa forma de publicar, tanto na rapidez do acto de tornar público, como na possibilidade de receber um *feedback* mais instantâneo. Sobre esse assunto, Katherine McCoy[57], em relação à comparação entre o formato de publicação em blogue e a edição da publicação em pequena escala que VanderLans publicou durante 21 anos, considerou o seguinte – "At this point, blog writing is a fairly ephemeral form of publishing, preserved only as long as someone maintains the server. Copies of *Emigre*, on the other hand are cherish. They occupy thousands of bookshelves around the world and command significant prices in the rare and used book market. (...) More importantly, design blogs are largely unedited, whereas *Emigre* enjoyed the light but sure

[57] Designer gráfica, investigadora e professora. http://highgrounddesign.com/mccoy/kmccoy.htm

hand and editorial eye of Rudy VanderLans, who always demanded a level of rigor and refinement from his authors."[58] Da mesma forma, a Plana gostaria de saber que as suas publicações são recebidas, apreciadas e protegidas com atenção e cuidado.

Através desta investigação, atingiu-se uma percepção do mercado editorial nacional. Revelou-se de grande utilidade, o estudo e contacto com o funcionamento de outras estruturas editoriais, até para a eventual colaboração em futuros projectos. Tentar-se-á repensar constantemente os seus modelos e adaptar exemplos que se considerarão importantes a seguir, no sentido de *tentar* conjugar algumas das melhores práticas que se encontraram entre os participantes e se possível, ajudar a demonstrar a novos autores e potenciais novos editores que estes projectos são mais do que uma possibilidade – eles são uma realidade.

Resta colocar uma questão final – Até quando a Plana continuará a publicar? Tenciona-se dar seguimento ao trabalho iniciado, com devida serenidade, prudência e sentimento positivo, sem tentar dar passos maiores que as capacidades efectivas do corpo editorial. Mas tentar-se-á a continuação, uma vez que já se adquiriu o conhecimento prático e teórico para fazê-lo. Dentro das suas capacidades, a Plana tentará manter-se activa, visto que não se trata de um projecto com contornos que dependem de estratégias comerciais. Dessa forma, publicar-se-á sempre que for possível e sem pressões. O projecto está iniciado e acreditamos que ainda tem um longo percurso pela frente.

"Better to fail in your work than to work for your failure."[59]

[58] MCCOY, Katherine. *The End*, Emigre 69, Berkeley – Nova Iorque: Émigré Inc. – Princeton Architectural Press, 2005, p. 130
[59] BARRINGER, David. *American Mutt Barks in the Yard*, Emigre 68, Berkeley – Nova Iorque: Emigre Inc. – Princeton Architectural Press, 2005, p. 23

Referências Bibliográficas

BARRINGER, David. *American Mutt Barks in the Yard*, Emigre 68, Berkeley – Nova Iorque: Emigre Inc. – Princeton Architectural Press, 2005

CARVALHO, Ana Margarida; FILLOL, Joana. *E, no entanto, elas movem-se!*. Visão. Paço de Arcos. ISSN 0872/3540. Nº 776, 2008

CHAPPELL, Warren; revised and updated by Robert Bringhurst. *A Short History of the Printed Word*. Vancouver: Hartley & Marks Publishers Inc., 1999

International isbn Agency. *Manual do utilizador do ISBN*. Edição Internacional, 5ª edição. Berlim: Staatsbibliothek zu Berlin – Preussischer Kulturbesitz, 2005

LUPTON, Ellen. *Indie Publishing–A Pocket Guide To Publish Your Own Content*, 2007 (*download* disponível em http://www.elupton.com/files/Indie_Publish_Handbook.doc)

MCCOY, Katherine. *The End*, Emigre 69, Berkeley – Nova Iorque: Émigré Inc. – Princeton Architectural Press, 2005

STAINTON, Elsie Myers. *The Fine Art of Copyediting*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2002

STEINBERG, S. H.; revised by John Trevitt. *Five Hundred Years of Printing*. New Castle: Oak Knoll Press and The British Library, 1996

TODD, Mark; WATSON, Esther Pearl. *Whatcha Mean It's A Zine?*. Boston: Graphia, 2006

VANDERLANS, Rudy. *An interview with Peter Bilak*, Emigre 67, Berkeley – Nova Iorque: Émigré Inc. – Princeton Architectural Press, 2004

VANDERLANS, Rudy. *The End*, Emigre 69, Berkeley – Nova Iorque: Émigré Inc. – Princeton Architectural Press, 2005

VIEGAS, Francisco José. Editorial. Ler. Lisboa. ISSN 0874–2847. Nº 69, 2008

BARRINGER, David. *American Mutt Barks in the Yard*, Emigre 68, Berkeley – Nova Iorque: Emigre Inc. – Princeton Architectural Press, 2005, p. 23

Documentos electrónicos

http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=206&langid=1

http://www.apel.pt/gest_cnt_upload/editor/File/tabela%20estatistica%20site%20pdf(3).pdf

http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/imagens-alvaras-dl/al-12-09-1805.pdf

http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/sp-deposito-legal.html

http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/imagens-alvaras- dl/al-29-fev-1796.pdf

http://www.esferadoslivros.pt/clipping/20064261522475080 31.pdf

http://www.bn.pt/servicos-ao-publico/sp-deposito-legal.html

http://www.soyfriends.com/guide/soyfriends_fanzine_guide.pdf

http://metaweb.ine.pt/sine/anexos/pdf/ApresentacaoCAERev3.pdf